



FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

JOÃO AUGUSTO GARCIA ROSOLEN

OS DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TAGUAÍ – SP
2021

JOÃO AUGUSTO GARCIA ROSOLEN

OS DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado no Curso de Graduação em
Pedagogia nas Faculdades Integradas de
Taguaí sob a orientação do Professor
Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira.

JOÃO AUGUSTO GARCIA ROSOLEN

OS DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia das Faculdades Integradas de Taguaí, como requisito para obtenção do grau de graduado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR ORIENTADOR ME. EDUARDO GASPERONI DE OLIVEIRA

PROFESSORA ESP. CRISTIANE DE ALMEIDAS FERNANDES RIBEIRO

PROFESSOR ESP. MAURÍCIO ORTIZ NETO

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada, agradeço a meus professores e aos meus colegas que me ajudaram na conclusão deste Artigo Científico.

Este trabalho é dedicado primeiramente aos meus Pais que sempre me apoiaram, me incentivaram e estiveram comigo nas minhas escolhas, ao meu orientador, professor Me. Eduardo Gasperoni de Oliveira, por me acompanhar e me ajudar durante a realização deste trabalho científico.

RESUMO

Este artigo científico tem como objeto a docência masculina na Educação Infantil. Teve como objetivo geral elucidar a respeito dos desafios em torno das dificuldades e dos preconceitos que o professor homem sofre na Educação Infantil relacionados com as representações sociais em torno da construção social sobre gênero na docência. De cunho bibliográfico e por meio de uma pesquisa de campo, pretende-se responder a seguinte indagação: De fato, os desafios e preconceitos sofridos pelo homem na docência Infantil podem afetar seu desenvolvimento ao ingressar nesta área e atrapalhar seu progresso como o educador do Ensino Infantil? A pesquisa aponta que, as práticas pedagógicas usuais, em sua maioria, revelam uma concepção errônea e distorcida em torno da docência masculina e que pode estar relacionado com as representações sociais em relação aos gêneros. Tal distorção culmina em preconceito, discriminação e menos valia, mostrando que há muitos desafios que merecem ser superados quando se fala e se defende uma Educação pela diversidade e uma Educação Não Sexista.

PALAVRAS-CHAVE: Docência Masculina. Educação Infantil. Desafios. Preconceitos. Representações Sociais.

1 – INTRODUÇÃO

A presente pesquisa com o título “*Os desafios do professor homem na Educação Infantil*” visa à busca de entendimentos relacionados à construção social e a questão de gênero que nas instituições de ensino e na sociedade podem influenciar no desenvolvimento do profissional do professor homem.

Essencialmente, o objetivo deste trabalho é de buscar esclarecimentos sobre os desafios em torno das dificuldades e dos preconceitos que o professor homem sofre na Educação Infantil relacionados com as representações sociais em torno da construção social sobre gênero na docência.

Este objetivo geral tem como especificidade compreender e refletir sobre a os inúmeros desafios que o homem sofre ao iniciar sua docência na Educação Infantil.

A partir do exposto foi pensada a pesquisa que tem como problema a construção social vinculada ao gênero masculino na Educação Infantil. Este problema desdobra-se na seguinte questão:

De fato, os desafios e preconceitos sofridos pelo homem na docência Infantil podem afetar seu desenvolvimento ao ingressar nesta área e atrapalhar seu progresso como o educador do Ensino Infantil?

A hipótese é que sim, ha inúmeros autores e autoras que ressaltam em suas obras os desafios que o homem tem ao ingressar na Educação Infantil.

Este trabalho busca em ideias de alguns autores não só uma confirmação destes apontamentos, mais também indicações de caminhos e estratégias para que sejam minimizadas estas atitudes que vem afetando os profissionais, ou seja, como diminuir ou ate mesmo abolir estes preconceitos que permeiam a nossa sociedade.

Para uma melhor compreensão e pretensão em alcançar os objetivos já mencionados foi desenvolvida uma Pesquisa de Campo pelo Google Forms, com a colaboração de diversos professores homens da região sudoeste paulista atuantes na Educação Infantil.

2 – OS DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 – DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE GÊNERO

A construção social e histórica que a mulher é mais apropriada e deve ser responsável por cuidar e educar crianças ainda influencia muito no pensamento e no estranhamento quando a um homem escolhe atuar na Educação Infantil (FERNANDES, 2019).

Para Scott (*apud* ALVARENGA, 2008) não existe um problema na diferenciação entre “gênero” ou “relações sociais de sexo”. Ela considera o oposto e que isto é inferior do que colocar o assunto em termos históricos. É inexistente uma essência das mulheres e dos homens, também não há uma subjetividade feminina relacionada ao corpo, à natureza, à reprodução, à maternidade; nem à cultura, à produção, à virilidade, para os homens. Muito pelo contrario, tem algumas subjetividades femininas e masculinas cunhadas em certo contexto histórico, cultural e político. Portanto é necessário, historicizar o modo pelo qual essas subjetividades foram criadas no decorrer dos tempos.

De acordo com a história, os trabalhos relacionados aos cuidados foram transmitidos à mulher e, com o passar do tempo, foi se acrescentando a ideia de que o homem não precisa ser responsável pelo cuidado e educação das crianças, por isso incluir um homem na atuação como professor dessas crianças diminui essas concepções equivocadas e relacionadas ao machismo (TORTORA, 2021).

É comum notar que os pais, sentem uma insegurança quando descobrem que o professor dos seus filhos é um homem e isso ocorre devido à construção social onde o homem é visto como o ser mais rígido, viril, o provedor na família e não carinhoso e cuidador (FERNANDES, 2019).

Há também uma ‘visita’ frequente da direção nas salas em que tem um professor homem, no sentido de vistoriar, fiscalizar mesmo, fazendo perguntas como, por exemplo: Você sabe fazer isso? Por que você está fazendo deste modo? E também comentários como: “Nossa, você carinhoso com as crianças!”; “Você não tem vergonha de cantar com as crianças?” É ruim ver sua competência questionada simplesmente por ser um professor homem (FERNANDES, 2019).

“Somos a minoria dentre os docentes na Educação Infantil e isso é perceptível na grande maioria das instituições de Educação de crianças”. (TORTORA, 2021).

Basicamente, a figura do professor apresenta na vida da criança durante o seu desenvolvimento uma essencial base para o seu autoconhecimento, percepção crítica e construção dos relacionamentos interpessoais (TORTORA, 2021).

As representações sociais fundamentam-se em um conceito preexistente e decorre de um sistema de valores, crenças e imagens, o que propicia, assim, uma posição de relação entre o sujeito e a sociedade na manutenção ininterrupta das concepções que prevalecem no coletivo (GONÇALVES *et al apud* OLIVEIRA, 2021).

Entende-se que na possibilidade de percepção de que a sociedade absorveu a representação que a mulher é mais competente para à educação de crianças, isto se deve pelo papel da representação social na questão de tornar o não familiar em algo familiar, quer dizer, naturalizar processos que são construídos socialmente (GONÇALVES *et al apud* OLIVEIRA, 2021).

No decorrer histórico da educação, muitos conceitos foram sendo construídos, relacionados à questão de gênero, ainda dominando uma harmonia no que se refere à profissão do educador na infância. Na docência, na qual a educação, principalmente a infantil, força a necessidade mais íntima de cuidados, como trocar fralda, dar afeto, dar banho, tornou-se papel exclusivamente feminino (SILVA; MARTINS *et al apud* OLIVEIRA, 2021).

As mulheres estão à frente da Educação Infantil como professoras, diretoras e coordenadoras. Porém, os homens vêm ganhando o seu espaço nesse segmento escolar. Dessa forma, pode-se perceber que conter homens trabalhando nessa área também trazem diversos proveitos para a criança, como, por exemplo a visão de que não só as mulheres podem e sabem trocar, alimentar e cuidar das crianças, e sim que os homens tem estas capacidades, mostrando que não há diferenças entre mulheres e homens.

Diante disso, apresentar a temática em torno dos gêneros é relevante ao analisar a presença masculina em atividades concebidas socialmente para mulheres, pois em sua atuação profissional, os homens afrontam um grande conflito e resistência em relação às expectativas, podendo revelar isenções aos padrões de gênero ou tentativas de validar sua masculinidade (RABELO *et al apud* OLIVEIRA, 2021).

Dentre desse espaço de resistência e de conflito, surgem alguns preconceitos que a figura masculina é acometida.

2.2 – OS PRECONCEITOS EM TORNO DA DOCÊNCIA MASCULINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O preconceito diz respeito a um julgamento errado sobre algo, pode passar a percepção de intolerância e suspeita em relação a outros credos, raças, religiões, etc. (SCOTTINI *apud* OLIVEIRA, 2021).

Para Silva e Martins (*apud* OLIVEIRA, 2021), os estereótipos são os resultados que o preconceito pode acarretar sobre alguém. Trata-se de suposições de um determinado grupo que emprega uma suposição, podendo ser positiva ou negativa, como por exemplo, “toda mulher é carinhosa” ou “todo baiano é preguiçoso”.

Deve-se repensar antes de supor algo sobre determinado grupo ou sujeito, pois a estereotipação implica se como discriminação e tais atos estão se tornando mais frequentes nos dias contemporâneos (SILVA; MARTINS *apud* OLIVEIRA, 2021).

Segundo Gonçalves *et al* (*apud* OLIVEIRA, 2021), o estranhamento pode ocasionar o preconceito ao ver o homem como professor de crianças pequenas, logo que a perspectiva das representações sociais “é causado pelo desconhecido ou não-familiar”. Isto pode explicar o baixo numero de homens atuando na área. Contudo, este estranhamento não acontece apenas quando o homem ingressa na Educação Infantil, mas o acompanha dentro da área de trabalho.

Há que se levar em conta que a sociedade, de forma geral, considera estranha a presença de um profissional do gênero masculino atuando com crianças pequenas, como menciona Sayão (*apud* LIRA; BERNADRIM, 2015, p. 83):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

De acordo com Rabelo (*apud* OLIVEIRA, 2021), o homem sobre alguns preconceitos quando faz a opção pelo magistério na Educação Infantil. Ele pode sofrer estranhamentos sobre:

a homossexualidade (homofobia); a concepção de que o homem é incapaz de lidar com crianças (por exemplo, por ser diferente, jovem, indelicado, autoritário); o pressuposto de que todos/as os/as professores/as do segmento são mulheres ou de que se trata de um trabalho feminino; o medo da pedofilia e do assédio sexual; a consideração de que a docência é um ofício pouco rentável e não adequado para homens, etc.

Segundo Rabelo (*apud* OLIVEIRA, 2021), sobre a *homofobia*, sabe-se que as relações sociais entre os homens são estruturadas num conceito hierarquizado das relações entre mulheres e homens. Abordando a homofobia, pois por meio de ameaças, os homens acabam se posicionando sobre os esquemas concebidos dentro de uma normalidade do masculino.

De fato, a homofobia não atinge apenas os homossexuais, mas também todas as pessoas que apresentam alguma característica que são atribuídas a outro sexo. Físico, gestual e atributos associados comumente ao feminino, como: paciência, choro, carinho, sensibilidade, etc., além do fato dos educadores estarem numa profissão considerada da mulher, socialmente falando, ou seja, “com a necessidade de qualidades ditas femininas para exercício docente, é alvo de homofobia” (RABELO *apud* OLIVEIRA, 2021).

Uma diferente discriminação abordada por Rabelo (*apud* OLIVEIRA, 2021) é a que “*homem não tem dom para lidar com crianças*”. A presença do homem na docência Infantil gera certa desconfiança tanto da comunidade quanto das pessoas que fazem parte da equipe escolar. Isto se deve às relações sociais que foram atribuídos a cada gênero.

A baixa presença do homem na docência infantil se dá pelo fato da pouca valorização – remuneração – que esta classe apresenta, obrigando, assim, o homem a procurar um diferente destino na área. E, quando isto não acontece o mesmo é convidado a atuar em qualquer cargo ou função da gestão da escola (RABELO *apud* OLIVEIRA, 2021).

Diante destas abordagens serão trazidas algumas reflexões visando uma educação não sexista.

2.3 – POR UMA EDUCAÇÃO NÃO SEXISTA

De acordo com Ribeiro e Pátaro (2015), a forma que é passada a imagem do homem e da mulher nas escolas vem contribuindo intensamente para a formação de identidade das alunas e alunos, vinculando o androcentrismo e o comportamento sexista. Isto se dá pelo fato de que desde cedo as meninas percebem que:

[...] quando os adultos se referem a um grupo infantil que inclui indivíduos de ambos os sexos, o fazem quase sempre usando unicamente a forma masculina, em nenhum caso somente a feminina e muito poucas vezes as duas. Quando esta última forma ocorre, invariavelmente a masculina ocupa o primeiro lugar na frase. A professora dirá: ‘Os meninos e as meninas que vão à excursão...’, ‘Venham até aqui um menino e uma menina’, e nunca se equivocará com relação à ordem (MORENO *apud* RIBEIRO; PÁTARO, 2015, p. 162).

A desigualdade entre mulheres e homens é atribuída frequentemente aos aspectos biológicos. Isto vem sendo utilizado para explicar a suposta superioridade do masculino nos diversos âmbitos da vida social. Sobre esta concepção, o fato de terem nascido com algumas características específicas ao seu sexo, em que a mulher tem a capacidade de gerar e amamentar, o que seria suficiente para justificar a superioridade do homem para a mulher. (VIANNA; RIDENTI *apud* RIBEIRO; PÁTARO, 2015).

Este determinismo biológico definiu por muito tempo e estimulou a desigualdade entre as mulheres e os homens e pode se dizer que, nos dias contemporâneos, ainda determina, encontrando na Medicina e na Antropologia esclarecimentos que apoiam o androcentrismo ao considerar o homem como detentor de uma condição biológica melhor e mais apropriada para a caça e para a liderança e a mulher o cuidado do lar e a coleta de alimentos (VIANNA; RIDENTI *apud* RIBEIRO; PÁTARO, 2015).

A escola é um ambiente sexista e mesmo garantindo igualdade a todas as pessoas, ainda assim se está longe de uma educação não sexista. Cabe aos governantes garantir esta educação, criando “Políticas que desfizessem estes achismos do sexismo” (BARBOSA; ANDRADE *apud* LOURO 2017, p. 34).

Concebida enquanto espaço de desenvolvimento e de construção de saberes, a instituição escolar, independentemente da modalidade e do segmento, tem como atuação discutir de modo amplo as temáticas que colaboram com a constituição do

indivíduo, pois, “[...] a escola é um espaço público para a promoção da cidadania” (LIONÇO; DINIZ *apud* LIMA; MACHADO, 2021, p. 49). Portanto, garantida pelo Estado, a instituição escolar enquanto lócus de formação necessita potencializar conteúdos que visem a uma educação consciente fundamentada à constituição “crítica dos sujeitos na e para a diversidade”.

Diante disto, Lionço e Diniz (*apud* LIMA; MACHADO, 2021) frisam que cabe ao Estado democrático a garantia de direito de reconhecer a diversidade de valores morais e culturais numa mesma sociedade, entendida como heterogênea e comprometida com a justiça e a assecuridade universal dos direitos humanos e sociais.

Dada a sua relevância e função social, a educação tem a urgência na continuidade da implementação de ações em respeito às diversidades, de modo principal nas escolas onde esse trabalho ainda não tenha se iniciado. É necessário [re]pensar a sociedade em que se vive, “livre de preconceitos, diferenças e violências de gênero, seja contra a mulher, criança ou LGBTQI+” (PEIXOTO; PEREIRA, 2021, p. 16).

Enfim, para Oliveira e Oliveira (2012, p. 3), a instituição escolar se trata de um espaço de relações, onde sujeitos – educadores (as) e educandos (as) interagem e manifestam suas distintas formas de agir, sentir e pensar. Ao se partir do princípio de que “a escola é um espaço naturalmente educativo [que] deveria prevalecer no ambiente escolar à igualdade de gênero, sem diferenciação entre os sujeitos”; os autores reconhecem que isso se trata de uma difícil tarefa, ao compreender que “o ser humano é uma construção do meio, identificadas por seus movimentos, gestos, conversas, forma de organização, atitudes, valores”, que leva à escola as vivências cotidianas que, por vezes, reforçam a discriminação e o preconceito através de práticas sexistas oriundas no ambiente familiar, comunitário e cultural.

3 – OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PESQUISA DE CAMPO

3.1 – Metodologia

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 83), a ciência se origina no contexto do ser humano enquanto uma necessidade de conhecer “o porquê dos acontecimentos”, como uma forma de compreensão de análise do mundo por meio de métodos e técnicas.

A metodologia científica de um trabalho acadêmico colabora para o entendimento, analisando do mundo por meio da constituição do conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Este artigo científico se pautou na pesquisa exploratória, visando à familiaridade com os fenômenos oriundos durante a pesquisa, ao explorar os passos com mais precisão e mais profundidade (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Além disso, quando aos procedimentos técnicos, fez-se uso da revisão literária também denominada pesquisa bibliográfica e também foi utilizada a pesquisa de campo (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Lakatos e Marconi (2001) proferem que a revisão literária objetiva integrar o acadêmico dos nuances do tema proposto, ao propiciar conhecimentos mais profundos acerca do trabalho a ser realizado e oferecendo a reflexão ao graduando-pesquisador sobre a temática relacionando-o com os resultados obtidos por outros autores em material já publicado, como, por exemplo, periódicos, livros, fotos, cartas, documentos, etc.

De acordo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa de campo consiste em levantar por meio de questionamento de modo direto o efeito do objeto da pesquisa na população pretendida a analisar – como neste artigo, os professores homens da Educação Infantil, por meio de uma entrevista ou de um questionário – que foi escolhido neste caso.

3.2 – Coleta de Dados

Complementando a parte deste Trabalho de Conclusão de Curso referente a pesquisa bibliográfica que abordou teoricamente os desafios do professor homem na

Educação Infantil, foi necessária a realização de uma pesquisa de campo sobre a temática em questão, contando com seis perguntas abertas e discursivas, preferencialmente direcionado para o corpo docente masculino, no total de oito professores que aceitaram contribuir de modo voluntário à concretização desta pesquisa.

Iniciais dos participantes e suas formações

1- P.A.G.J.

Formação: Pedagogia, Letras, Educação Especial, Neuropsicopedagogia.

2- P.S.S.

Formação: Graduação Licenciatura Plena em Educação Física e em Pedagogia; Pós-Graduação em Psicomotricidade, Ensino Lúdico, Tecnologia da Informação e Comunicação, Gestão Escolar e Ensino Superior

3- R.P.G.A.

Formação: Graduada em Pedagogia
Pós-graduada em: Orientação escolar, Supervisão Escolar e Gestão Educacional

4- H.R.

Formação: Educação física, fase de conclusão de curso em Pós Graduação em Gestão Escolar.

5- M.R.A.C.

Formação: Educação física, fase de conclusão de curso em Pós Graduação em Gestão Escolar.

6- P.R.S.

Formação: Especialista em Educação; mestre em História.

7- J.F.A.

Formação: Mestrado em Educação

8- J.N.J.

Formação: Pedagogia/ Mestrado educação arte história da cultura.

Íntegra das respostas:

1 – Quanto tempo você atua na Educação?

Sujeito	Respostas
1	"5 anos."
2	"5 anos."
3	"14 anos."
4	"14 anos."
5	"10 anos."
6	"7 anos."
7	"08 anos."
8	"31 anos."

2 – Você encontra desafios ao atuar na Educação Infantil? Se sim, qual(is)?

Sujeito	Respostas
1	“O desafio é conseguir a atenção durante toda a aula.”
2	“Não.”
3	“Atuo no ensino fundamental.”
4	“Diariamente uma constante aprendizagem.”
5	“Sim, espaços inadequados, falta de conhecimento por parte dos funcionários, falta de hierarquia.”
6	“Esse ano, enquanto gestor, em alinhar as pautas e atuar em sintonia com os superiores, os pares, os professores e os funcionários.”
7	“Sim. Valorização e reconhecimento.”
8	“Sim. Preconceito e desconfiança por parte dos adultos, pais, responsáveis e/ou outros e outras profissionais da educação.”

3 – Em sua opinião, há uma diferença na atuação entre homens e mulheres na Infância? Se sim, qual (is) ou exemplifique:

Sujeito	Respostas
1	“Não, por parte dos professores não.”
2	“Sim, pois as mulheres são sempre em maior número no quadro docente.”
3	“Nenhuma... Ambos são competentes.”
4	“É fundamental que ambos possam estar presentes.”
5	“Sim, as pessoas não estão habituadas a verem homens atuando com crianças.”
6	“A maior diferença é na criação do homem, mas que perde relevância para ele quando começa a atuar e se sai bem - como as mulheres. Sempre continua certo espanto ou resistência no começo da atuação ou do ano letivo. Mas com semanas de trabalho isso desaparece e todos percebem nosso valor.”
7	“Sim. Principalmente no cuidado com crianças pequenas. É como se as professoras mulheres e as mulheres mães das crianças desconfiassem dos meus conhecimentos à respeito dos cuidados básicos de higiene, alimentação e até acolhida das crianças.”
8	“Não vejo diferença na atuação profissional.”

4 – Você já sofreu preconceito ao atuar na Educação Infantil, se a resposta for sim, como você se sentiu?

Sujeito	Respostas
1	“Sim, é um sentimento desmotivante.”
2	“Sim, me senti uma pessoa fora do lugar, rebaixada.”
3	“Não.”
4	“Não. Nunca.”
5	“Sim, menosprezam nosso trabalho.”
6	“Que eu me lembre e seja relevante, foi só uma vez. Mas foi só por motivo de desqualificar o outro mesmo, de alguém que não soube conversar. Sempre fui muito bem recebido e respeitado; e o fato de ser homem até se tornou uma referência amigável, como uma característica pessoal que chama a atenção por um bom motivo.”
7	“Sim. No início da minha carreira, não podia pegar as turmas de berçário.”
8	“Sim, Péssimo desqualificado.”

5 – Estes preconceitos tiveram algum efeito na sua atuação na Educação Infantil? Se sim, qual (is) ?

Sujeito	Respostas
1	“Não perceptivelmente.”
2	“Não, continuei fazendo o meu melhor da melhor forma possível.”
3	“Não.”
4	“Mesmo que tivesse, jamais deixaria que isso pudesse comprometer na minha dedicação e carinho pela profissão e pelas crianças.”
5	“Não.”
6	Nunca me prejudicaram. Eu sou decido e desconstruído: não me aborreço com possíveis preconceitos.”
7	“Sim. Serviram de estímulo para que eu mostrasse que independente da idade, eu desenvolveria um trabalho de qualidade. E eu o fiz. Hoje, respeitando a ordem de escolha, eu posso escolher a turma que eu quiser.”
8	“Sim. Fiquei mais restrito na atuação e mais distante das crianças.”

6 – Caso sua resposta seja positiva, houve algum amparo por parte da equipe gestora ou mesmo algum amparo jurídico? Se sim, qual (is) ?

Sujeito	Respostas
1	“Há gestoras que sim, outras não.”
2	“Não passei nada para os gestores.”
3	“Quando atuei foi tranquilo.”
4	“Sim. Sempre fui muito amparado pelos gestores, tanto de forma administrativa, quanto pedagógica.”
5	“Não.”
6	“Não houve.”
7	“No começo era a equipe gestora que proibia que eu pegasse as salas dos bebês. Hoje em dia não interferem mais.”
8	“Sim. A coordenação e direção me apoiaram emocionalmente e tbm me deram apoio e abertura na conversa com os pais.”

7 – A visão sexista de discriminação entre os sexos domina a sociedade e, consequentemente as unidades escolares. Tanto o comportamento como o modo em que se pensa, se sente, se fala, se sonha ou se fantasia sofre influência da imagem que se possui de si. Tal imagem é construída e tem como fundamento os arquétipos oferecidos pela sociedade. Assim, não se trata da biologia que ‘adestra’ os limites e as possibilidades, o comportamento e a forma de ser, mas são determinados pela cultura e pela sociedade (MORENO, 1999). Na reflexão de Gadotti (1992, p. 21): “A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista.” Dada a sua relevância e função social, a educação tem a urgência na continuidade da implementação de ações em respeito às diversidades. É necessário [re]pensar a sociedade em que se vive, “livre de preconceitos, diferenças e violências de gênero, seja contra a mulher, crianças ou LGBTQIA+ ” (PEIXOTO; PEREIRA, 2021, p. 16). Para Oliveira e Oliveira (2012, p. 3), a instituição escolar se trata de um espaço de relações, onde sujeitos – educadores (as) e educandos (as) interagem e manifestam suas distintas formas de agir, sentir e pensar. Ao se partir do princípio de que “a escola é um espaço naturalmente educativo [que] deveria prevalecer no ambiente escolar à igualdade de gênero, sem diferenciação entre os sujeitos”; os autores reconhecem que isso se trata de uma difícil tarefa, ao compreender que “o ser humano é uma construção do meio, identificadas por seus movimentos, gestos, conversas, forma de organização, atitudes, valores”, que leva à escola as vivências cotidianas que, por vezes, reforçam a discriminação e o preconceito através de práticas sexistas oriundas no ambiente familiar, comunitário e cultural. Assim, indaga-se: É possível se pensar numa Educação Não Sexista? Por quê?

Sujeito	Respostas
1	“Sim, porém muito difícil, pois este pré-conceito vem desde as famílias até os próprios docentes.”
2	“Sim, mas as mudanças precisam ser realizadas desde da primeira infância.”
3	“Impossível... Homens e mulheres precisam desemparedar esse preconceito inútil que ainda perdura por alguns ainda no âmbito educacional e em qualquer lugar da sociedade.”
4	“Trata-se de um ser humano, Independentemente da sua classe social, raça, gênero, ou formas de se pensar, é fundamental o respeito e a igualdade sobre todas as formas de expressão.”
5	“Sim, É preciso criar um ambiente onde as pessoas tenham conhecimento do trabalho realizado e para que desse modo deixem o preconceito de lado.”
6	“É possível sim. Por um lado, somos pressionados pelo meio (tradição); por outro, temos cultura e ela pode ser mudada.”
7	“Sim, pois a educação, dentre muitos propósitos, precisa preparar o sujeito para a vida em sociedade e a sociedade contemporânea vem se mostrando empenhada em lutar contra preconceitos e discriminações. A escola precisa estar junto nesse processo.”
8	“Sim, claro. Aliás, esta é a proposta para uma educação intercultural crítica embasada numa pedagogia decolonial, isto é, que enfrenta e confronta os padrões inventados e impostos pela colonialidade encontradas no ambiente escolar. Diga-se que a Escola que encontramos cristalizada na sociedade brasileira é uma gerida e representa essa forma de poder sexista e opressor.”

3.3 – Análise dos Dados

Houve a colaboração de oito voluntários que responderam o questionário via Google Forms, que atuam ou já atuaram no segmento escolar da Educação Infantil, da redes pública e particular, de alguns municípios do estado de São Paulo.

Em relação ao aspecto formativo, todos são habilitados com graduação que dá o direito à docência, a Licenciatura Plena em Pedagogia. Seis participantes têm especialização e apenas dois estão concluindo. Dos oito professores, há três mestres. Ou seja, todos têm formação, capacitação e tempo laboral para atuarem profissionalmente no magistério, inclusive na Educação Infantil. O atuação como professor relatado de 5 a 31 anos no setor educacional. Dois participantes atuam há 5 anos; Dois participantes, 7/8 anos; Um participante uma década; Dois participantes, 14 anos e um participante 31 anos de tempo de serviço.

Foi questionado se encontravam desafios ao atuar. Seis dos oito participantes apontaram que encontraram desafios, especificando os “espaços inadequados, falta de conhecimento por parte dos funcionários, falta de hierarquia” (M. R. A. C.); “valorização e reconhecimento” (J. F. A.): “preconceito e desconfiança por parte dos adultos, pais, responsáveis e/ou outros e outras profissionais da educação” (J. N. J.)

É bem comum observar que os pais, sentem insegurança quando se deparam que o professor dos seus filhos é um homem, isto ocorre por que uma construção social onde o homem é visto de uma forma mais rígida, viril, o provedor na família e não carinhoso e cuidador (FERNANDES, 2019).

Examinando a diferença na atuação entre homens e mulheres na Infância, quatro participantes apontaram que não há distinção. Pode-se perceber que “as pessoas não estão habituadas a verem homens atuando com crianças”, afirmou M. R. A. C. . Isto se deve ao fato de que “às mulheres serem em maior numero no quadro docente”, como disse P. S. S.

Sob a reflexão de J. F. A., principalmente no cuidado com crianças pequenas, há desconfiança por parte de professoras mulheres e as mães das crianças no que tange à “capacidade e conhecimentos a respeito dos cuidados básicos de higiene, alimentação e até acolhida das crianças”.

Logo, torna-se necessária muita cautela em generalizar o homem como aquele principal ator que oprime fisicamente a criança:

com a incorporação irrefletida dessas crenças e preconceitos perdemos na vivência das relações. Em especial quando tendemos à generalização de alguns casos divulgados pela mídia, ou não, em face do que preconceitos são criados e podem ser incorporados de maneira acrítica, inclusive no magistério (GONÇALVES *et al* apud OLIVEIRA 2021, p. 14).

Em concordância, os professores P. G. A. e H. R. disseram que é fundamental que ambos possam estar presentes, pois tanto um quanto o outro, ou seja homem e mulher, tem competência para atuar na área, e isso deve ser mostrado para as crianças.

Para P. R. S.

A maior diferença é na criação do homem, mas que perde relevância para ele quando começa a atuar e se sai bem - como as mulheres. Sempre continua certo espanto ou resistência no começo da atuação ou do ano letivo. Mas com semanas de trabalho isso desaparece e todos percebem nosso valor.

Este posicionamento pode denotar que os preconceitos são muito superficiais, pois com o passar do tempo, vendo a atuação, as pessoas vão observando que não é o sexo que define um bom docente.

O preconceito e a própria discriminação, ou seja, “o preconceito em ação” ganham terreno quando se aborda a suposta inferioridade feminina com relação ao masculino, do

índio com relação ao branco, do velho com relação ao jovem, etc. (SILVA; MARTINS *et al apud* OLIVEIRA, 2021, p. 46).

Conforme o andamento do questionário, os respectivos voluntários elencaram alguns preconceitos sofridos durante suas trajetórias e como se sentiram diante de tais ações.

Três dos entrevistados afirmaram que se sentiram desmotivados, desqualificados, sentido-se “uma pessoa fora do lugar”. como afirma P. S. S.; M. R. A. C. traz como contribuição que, em sua experiência, sentiu como se menosprezassem seu trabalho como educador.

Estes relatos se aproximam muito de uma diferente discriminação dita por Rabelo (*apud* OLIVEIRA, 2021, p. 48) que “*homem não tem dom para lidar com crianças*”.

Diante destes preconceitos sofridos pelos colaborardes, J. N. J. sentiu-se mais restrito na atuação, o que resultou num distanciamento das crianças.

O restante dos participantes usaram estes efeitos como um estímulo, para continuarem lutando por seus ideais e se moldando para um educador cada vez melhor. Três deles não tiveram amparo algum da equipe gestora, tendo ai um desafio, concretizando o pensamento de (FERNANDES, 2019) que nos diz sobre uma ‘visita’ frequente da direção nas salas em que tem um professor homem, no sentido de fiscalizar, fazendo perguntas como, por exemplo: Você sabe fazer isso? Por que você está fazendo desta forma?

Em consonância com os devidos posicionamentos dos questionados, entra-se na última questão da pesquisa que busca opiniões sobre a possibilidade de uma Educação Não Sexista, analisando a colocação do P.A.G.J. que fala que a escola precisa preparar o sujeito para a sociedade e a sociedade vem se mostrando empenhada em lutar contra as discriminações, seria muito bem vinda a ajuda dos institutos escolares neste combate. Assim igualando com o pensamento de (LIONÇO; DINIZ *apud* LIMA; MACHADO), que nos fala que a escola é um ambiente evidente para o acesso a cidadania.

M. R. A. C. afirma que é possível, mas seria muito difícil, pois o preconceito, muitas vezes, vem desde a família até os próprios docentes, dando a entender que mesmo que a educação não seja sexista, no ambiente familiar este sexismo pode acontecer fazendo com que todo esforço da escola seja muito mais difícil.

Um exemplo disso é o que descreve Tortora (2021) que, de acordo com a história e, devido às representações sociais, os trabalhos relacionados com o cuidado das crianças foram direcionado às mulheres, denotando a ideia de que o homem não precisa se responsabilizar por essa tarefa e que não é capacitado para tanto.

Diante disto, o colaborador J. F. A. aponta que se faz necessário que as mudanças se iniciem “desde da (s.i.c.)¹ primeira infância”, pois assim como discursos de ódio, todo o respeito e a tolerância às diferenças e às diversidades podem e devem ser ensinados às crianças.

De acordo com Ribeiro e Pátaro (2015), o modo que é passado a imagem da mulher e do homem nas escolas contribui fortemente para a formação de identidade dos alunos. Já que “trata-se de um ser humano, Independentemente (s.i.c.) da sua classe social, raça, gênero, ou formas de se pensar, é fundamental o respeito e a igualdade sobre todas as formas de expressão”. (P.R.S.)

Segundo a resposta do J. N. J., há a possibilidade a educação não sexista. Com certeza. Além disso, “esta é uma proposta para uma educação intercultural crítica” fundamentada numa pedagogia decolonial, ao enfrentar e confrontar “os padrões inventados e impostos pela colonialidade” da escola. Na escola e na sociedade E, principalmente, a Escola cristaliza na sociedade representando a forma de “poder sexista e opressor”.

Porém, Lionço e Diniz (*apud* LIMA; MACHADO, 2021) frisam que cabe ao Estado democrático a garantia de direito de adotar a diversidade de valores morais e culturais numa mesma sociedade, compreendida como heterogênea e comprometida com a justiça e a assecuridade universal dos direitos humanos e sociais.

Enfim, constatou-se que as informações obtidas por meio do presente questionário serviram de alicerce, comprovando, assim, a ocorrência dos desafios, dos preconceitos e das dificuldades que o professor homem vem sendo submetido no ambiente da Educação Infantil.

¹ **s.i.c.** = segundo informações colhidas. Os erros de digitação ou da norma culta da Língua Portuguesa foram mantidos na íntegra.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos cursos de formação, a ideia de que a mulher é a pessoa mais lembrada para assumir essa função vai perpetuando-se, uma vez que são poucos estudantes do gênero masculino que, por exemplo, frequentam o curso de Pedagogia. A reflexão aqui proposta buscou enfatizar os desafios que o professor homem vem sendo submetido por escolher estar na Educação Infantil, lembrando que o que define, capacita um profissional a trabalhar na Educação Infantil, é a formação.

Nesta concepção, busca-se superar que quando os homens passam por desafios, preconceitos e até inferiorização, acabam se sentindo desmotivados, pois passa a ideia de que eles são inadequados para a área e, desmistificar que o cuidado e a educação são tarefas que só podem ser desempenhadas por mulheres se fazem muito importante.

Dada a complexidade de fatores envolvidos nesses desafios, cabe à área enfrentar essa problemática, esclarecendo e, de certo modo, tranquilizando as famílias quanto à competência de homens e mulheres para exercerem seus papéis como professores na Educação Infantil, todavia, necessitando ambos de uma boa formação para essa profissão, para que assim possam desconstruir os comportamentos machistas que foram impostos pela sociedade e, acrescentar a ideia de uma educação não-sexista.

Todas as reflexões deste artigo tiveram como intuito, compreender ainda que minimamente, e contribuir na discussão e na procura de respostas acerca dos estigmas, preconceitos e estranhamentos relacionados à atuação masculina na Educação Infantil. Eis os desafios que a docência masculina impõe. E é chegado o momento para ultrapassar e vencer todo e qualquer obstáculo na Educação Infantil relacionados com as representações sociais em torno da construção social sobre gênero na docência.

Diante do que foi exposto e defendido tanto pelos teóricos e estudiosos quanto pelos professores homens que contribuíram para a pesquisa de campo,

pode-se dizer que tal objetivo, em tese, pôde ser alcançado. O mesmo pode-se falar em relação à problematização abordada na introdução².

Buscou-se não apenas ideias de alguns autores, mas indicar alguns caminhos e estratégias para que sejam minimizadas estas atitudes que vem afetando os profissionais, ou seja, como diminuir ou até mesmo abolir estes preconceitos que permeiam a escola e a sociedade brasileira.

É sabido que inúmeros são os desafios que o professor homem tem ao ingressar na Educação Infantil. Isso pode estar relacionado com a questão de que a Educação Infantil é um campo de atuação feminizado, cujos preceitos dizem que a educação e o cuidado à educação de crianças devem ficar a cargo das mulheres. Isto pode ser explicitado pela análise das relações de gênero, que são compreendidas como uma construção social que influi incisivamente na constituição de identidades no ambiente escolar.

Neste sentido, a representação social acaba por conduzir de modo imperceptível a atuação profissional do educador e da educadora, transmitindo, dessa forma, quais seriam as ações condizentes a cada gênero e podendo e controlando as que são concebidas como inadequadas, o que pode remeter a toda situação vexatória, preconceituosas e discriminação que recai sobre o professor homem na Educação Infantil.

Encerram-se essas considerações com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1999), que desde 1988, já primava e defendia uma educação equânime, inclusiva e diversa. Ou seja, a luta e a defesa por uma Educação Não Sexista não tem nada de recente. A Carta Magna traz no segundo título, em relação aos “Direitos e Garantias Fundamentais”, primeiro capítulo sobre os “Direitos e Deveres Individuais e Coletivos,” e assevera em seu quinto artigo que:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

² De fato, os desafios e preconceitos sofridos pelo homem na docência Infantil podem afetar seu desenvolvimento ao ingressar nesta área e atrapalhar seu progresso como o educador do Ensino Infantil?

E reforça que:

“I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

XIII – é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer”; (BRASIL, 1999).

A Constituição também reconhece a educação como direito de todos e um dever do Estado. Tal reconhecimento foi estabelecido numa ordem de prioridades e valores de políticas públicas no sentido do cumprimento dos objetivos descritos no artigo 205, quais sejam: desenvolvimento pleno do indivíduo, sua preparação para exercer a cidadania bem como sua qualificação para o mercado trabalho. Quando usa a expressão “direito de todos”, enfatiza o direito social à educação, sem distinguir raça, classe social, idade, gênero, ou qualquer fator ou aspecto que seja. Educação refere-se a um direito e serviço público de modo primordial que deve ser possibilitado e concretizado pela esfera estadual. Logo, deve ser universal (BRASIL, 1999).

Que as reflexões aqui tecidas neste artigo possam favorecer a reflexão e a discussão sobre condições de equidade entre gênero, para combater situações em torno do preconceito e do sexismo na Educação, como um todo, principalmente na Educação Infantil, o universo em análise desta pesquisa científica, a fim de minimizar qualquer [pré]conceito carregado de estereótipos em torno das funções de homens e mulheres e das discriminações em torno do gênero, valorizando as diferenças no histórico das relações humanas. Assim, poderá se pensar numa educação, de fato, não sexista, democrática, equânime, justa, inclusiva, e, acima de tudo, humana.

4 – REFERÊNCIAS

ALVARENGA, C. F. **Relações de gênero e trabalho docente**: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores. 176 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: ><https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062008-155413/pt-br.php><. Acesso em 14 set. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

FERNANDES, F. Os desafios do professor homem na Educação Infantil. *In*: **MultiRio a mídia educativa da cidade**. 05 abr. 2019 Disponível em: ><http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14879-os-desafios-do-professor-homem-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil><. Acesso 8 set. 2021.

LIMA, M. da S.; MACHADO, F. Educação em direitos humanos no contexto escolar: perspectivas necessárias para a construção sobre a violência contra a mulher. *In*: OLIVEIRA, M. de; PEIXOTO, R. (orgs.) **Gênero, sexualidade e violências nos cotidianos escolares**. Curitiba-PR: Bagai, 2021. p. 42-56.

LIRA, A. C. M; BERNARDIM, G. de P. O profissional do gênero masculino na educação infantil: com a palavra pais e professores. *In*: **POIÉSIS – Revista de Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado**. Unisul, Tubarão, v. 9, n. 15, p. 80-97, jan./jun, 2015. Disponível em: ><http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/2819><. Acesso 8 set. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

LOURO, G. L. Gênero na prática: uma educação não-sexista nas escolas. *In*: **13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero, Transformações, Conexões, Deslocamentos**. Florianópolis, 2017. Disponível em: ><http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br><. Acesso 8 set. 2021.

OLIVEIRA, E. G. de. Atuação má{s}cula na educação infantil: estranhamentos e preconceitos. *In*: **Congresso Nacional de Educação – EDUCERE** – Inspirações, espaços e tempos da educação. Curitiba, 2021.

OLIVEIRA, G. D. de; OLIVEIRA, D. de. Desconstruindo práticas sexistas no ambiente escolar. *In*: PARANÁ. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 2012. Disponível em: >http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_ufrp_hist_artigo_gisele_dalagnol.pdf<. Acesso em 23 abr. 2021.

PEIXOTO, R.; PEREIRA, T. C. B. Educação em direitos humanos no contexto escolar: perspectivas necessárias para a construção sobre a violência contra a mulher. *In*: OLIVEIRA, M. de; PEIXOTO, R. (orgs.) **Gênero, sexualidade e violências nos cotidianos escolares**. Curitiba-PR: Bagai, 2021. p. 16-28.

RIBEIRO, A. de S.; PÁTARO, R. F. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. *In*: **Revista Educação e Linguagens**, v. 4, n. 6, Campo Mourão, jan./jun., 2015. Disponível em:
><http://revista.unespar.edu.br/index.php/revistaeducplings/article/view/129/130><. Acesso em 21 set. 2021.

TORTORA, E. **Professor homem na Educação Infantil**: conheça os desafios e experiências. 26 jan. 2021 Disponível em:
><https://novaescola.org.br/conteudo/20083/colunas-pedagogicas-21-evandro-tortora-professor-homem-na-educacao-infantil><. Acesso 1º set. 2021.